

ANÁLISE DISCURSIVA DA CONSTRUÇÃO DO LUTO NO FILME MANCHESTER À BEIRA-MAR

Luzirene Gonçalves dos Santos¹
Thiago Barbosa Soares²

RESUMO

Esta pesquisa qualitativa-interpretativa, enquadrada no contexto teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, propõe uma análise discursiva da construção do luto no filme *Manchester à Beira-mar*, concentrando-se na formação do ethos discursivo do protagonista Lee Chandler. A partir dessa perspectiva, investigamos como a representação discursiva configura o posicionamento religioso cristão como um elemento crucial na superação do luto. Para tanto, utilizamos os conceitos de cena de enunciação e ethos discursivo. Os resultados evidenciam que a articulação dos elementos discursivos para transmitir a mensagem desejada desempenha um papel significativo na construção do ethos discursivo, buscando estabelecer credibilidade junto ao público-alvo. A representação social de Lee Chandler, sob a ótica do discurso religioso cristão, destaca o luto marcado pela culpa como um fenômeno social de experiência singular. Esse sentimento pode desencadear um processo de luto “complexo”, no qual o sujeito enfrenta dificuldades para iniciar um novo ciclo, mas encontra a possibilidade de alívio e redenção ao perdoar a si mesmo e à pessoa que julga responsável por motivar essa perda.

Palavras-chave: Análise do discurso. Cena de enunciação. Ethos discursivo. Luto. Discurso religioso cristão.

DISCURSIVE ANALYSIS OF THE CONSTRUCTION OF MOURNING IN THE FILM MANCHESTER BY THE SEA

Abstract

¹ Graduada em Letras pelas Universidade Federal do Tocantins (UFT). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3269-0283>. E-mail: luzirenesantos@mail.uft.edu.br.

² Possui graduação em Letras, português/inglês, pela Universidade do Vale do Sapucaí (2009), em Psicologia pela Universidade Paulista (2014), em Filosofia pela Universidade de Franca (2014) e em Ciências Humanas pela Universidade Estácio de Sá (2023), especialização em Estudos Literários pela Faculdade Comunitária de Campinas (2013), mestrado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2015) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2018). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>. E-mail: thiago.soares@mail.uft.edu.br.

This qualitative-interpretive research, framed within the theoretical-methodological context of French Discourse Analysis, proposes a discursive analysis of the construction of mourning in the film *Manchester by the Sea*, focusing on the formation of the discursive ethos of the protagonist Lee Chandler. From this perspective, we investigate how the discursive representation configures the Christian religious position as a crucial element in overcoming grief. To this end, we used the concepts of scene of enunciation and discursive ethos. The results show that the articulation of discursive elements to convey the desired message plays a significant role in the construction of the discursive ethos, seeking to establish credibility with the target audience. The social representation of Lee Chandler, from the perspective of Christian religious discourse, highlights mourning marked by guilt as a social phenomenon of singular experience. This feeling can trigger a 'complex' mourning process, in which the subject faces difficulties in starting a new cycle, but finds the possibility of relief and redemption by forgiving themselves and the person they believe is responsible for causing the loss.

Keywords: Discourse analysis. Scene of enunciation. Discursive ethos. Mourning. Christian religious discourse.

1 Introdução

A partir do nosso nascimento, já se inicia a contagem regressiva da nossa existência enquanto matéria física dotada de fôlego, só não sabemos quando esse momento será concretizado, temos apenas estimativas. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a expectativa de vida em 2019 era de 73,1 anos para homens e 80,1 anos para mulheres.

No entanto, uma multiplicidade de fatores naturais, genéticos, estilo de vida - aspectos menos centrados no indivíduo, como a qualidade de vida em nível urbano e nacional, entre outros, podem limitar ou até mesmo inviabilizar a consecução dessa expectativa de longevidade. De certo, somos finitos e, em algum momento, o nosso ciclo vital será findado. Como a morte é algo natural e universal, que não podemos evitar, empenhamo-nos a não ficarmos presos e obcecados por ela. Desenvolvemos diariamente ações que preenchem a nossa rotina e coadunem com o posicionamento do eu lírico do poema *Consoada* de Manuel Bandeira. Essa voz poética, mesmo ciente da finitude humana, enfatiza que cada instante deve ser apreciado, evitando que a

preocupação excessiva com a "Iniludível" (definição do poeta), obscureça o presente.

Em decorrência da morte, inicia-se o luto, um fenômeno abrangente que se manifesta de maneiras diversas. Nesta pesquisa, focamos na análise discursiva da representação do luto em uma materialidade específica: o filme *Manchester à Beira-mar*. O luto, inerente à condição humana, emerge como um campo propício para a análise discursiva. Apesar da extensa literatura teórica e ficcional disponível sobre o tema, esta pesquisa se direciona ao mencionado filme devido à sua abordagem singular. Ao retratar de maneira realista e complexa a vivência do luto, esta produção instiga o espectador a um exercício de alteridade, questionando e desconstruindo as representações sociais convencionais acerca da dor e da perda. A atribuição de culpa pelo desencadeamento do luto, tema recorrente nas narrativas, é aqui problematizada, promovendo uma reflexão mais profunda sobre as complexidades desse processo emocional.

Para tanto, ancorados na teoria da Análise do Discurso (AD), que nos permite interpretar qualquer objeto simbólico, social e cultural produzido coletivamente, selecionamos o filme *Manchester à Beira-mar* (Lonergan, 2016) para analisarmos sob qual perspectiva de discurso é realizada a representação discursiva do luto. Nossa análise dará ênfase ao enlutamento experienciado pelo personagem *Lee Chandler*.

O dicionário online *Priberam* define o luto, no contexto circundante da psicanálise, como um "processo durante o qual um indivíduo consegue desligar-se progressivamente da perda de um ente querido". Quando alguém conclui sua estadia na terra, os amigos e familiares enfrentam a inevitável despedida. É relevante considerar que a interpretação da morte varia conforme a religião (Folha, 2024). Apesar da semelhança nos rituais funerários, existem diferenças na percepção da morte. No budismo, por exemplo, não há práticas de luto - exceto em regiões mais tradicionais, onde se reserva cerca de um mês para esses ritos. A ausência de luto é justificada pela compreensão desse processo como uma libertação para a reencarnação, uma oportunidade de iniciar um novo ciclo mais evoluído do que o

anterior, incentivando, assim, o equilíbrio emocional, evitando prantos e lamentações.

Allouch ([1995] 2004, p. 338) declara que “o luto não é redutível a uma relação sujeito-objeto soberbamente isolada de qualquer intervenção terceira”. A maneira como uma sociedade compreende e vivencia o luto interfere no modo do sujeito lidar com o falecimento de alguém muito estimado, porque os fatores sociais e culturais moldam o seu posicionamento frente a esse fato, que é social e não individual.

Baldini e Nascimento (2021, p. 85-86) citam que Sigmund Freud (1856 - 1939) e Jacques-Marie Émile Lacan (1901-1981) se contrapõem em relação ao luto, pois na visão freudiana é factível trocar o objeto perdido por outro com um mesmo nível de relevância. Já na visão lacaniana, isso é impossível, já que “[...] não se trata de substituição de objeto, mas de mudar a relação que o enlutado tem com o morto e que se cumpre num sacrifício” (Baldini, 2018, p. 32). Além disso, os autores enfatizam que:

[...] não é toda e qualquer experiência de morte que conduz ao luto, mas apenas aquelas em que um “pedaço de si” cai junto com o morto e exige do enlutado um ato de deixar essa parte ir, com o morto, ou seja, sacrifício (Baldini; Nascimento, 2021, p. 85-86).

Membros de um mesmo grupo familiar podem não reagir a essa perda da mesma forma, com a mesma intensidade. Essa experiência é singular, pois o grau de proximidade e afeto mensuram a dor da partida. A sensação de culpa também amplifica significativamente a vivência dessa experiência, podendo até mesmo dificultar a transição desse processo. Assim, o apoio dos amigos, familiares e dos grupos sociais com os quais o enlutado convive colabora bastante durante o enfrentamento dessa fase.

Baldini e Nascimento (2021) afirmam que, na leitura de Jean Allouch [1995], o luto é visto como um sacrifício a ser feito pelo enlutado, que engloba três fases. Na primeira, a morte deve ser compreendida no seu sentido literal, uma partida irreversível, não se tem de volta o objeto que se foi. Na segunda fase, a morte deve ser associada a um rito de despedida, dado que se trata de alguém com quem se teve

um convívio e marcou a nossa história, e:

[...] não é somente um corpo que é perdido com a morte de um ente querido, e aqui ressaltamos esse corpo não como um mero organismo fisiológico, mas também como voz, olhar, gesto, presença, sílabas ordenadas ou não, dentre outras inumeráveis possibilidades de linguagem tão delicadamente textualizadas no memorial [...] (Baldini; Nascimento, 2021, p. 85).

Essa cerimônia propicia o compartilhamento do luto e um apoio solidário das pessoas que nos cercam, pois “tanto para o enlutado quanto para o grupo ao qual ele pertence, há a necessidade de reconhecimento da perda” (Baldini, Ribeiro, Nascimento, 2021, p. 6). Já na última fase, se constrói uma relação emocional que prevê a superação do luto e assim se consiga conviver com a ausência de uma pessoa estimada, mantendo-a viva nas lembranças.

Além dessas três fases mencionadas, a psicóloga Gláucia Flores (2017), em fala proferida na entrevista intitulada *Luto: como é possível superar a dor da perda*, acrescenta as seguintes: “negação, raiva, barganha, depressão, aceitação [...] entorpecimento, busca pelo outro, revolta e desorganização”. Ainda menciona que há dois tipos de luto: o “saudável” e o “complicado”, que são experimentados não só pela perda de uma pessoa ou de um animal de estimação, como também de outros elementos essenciais, como relacionamento, emprego, entre outros. No luto saudável, a pessoa supera e consegue retomar a vida; já no complicado não há avanço no processo de luto, ocorre uma estagnação, geralmente, porque a perda ocorreu de forma muito abrupta. Não nos preparamos para a despedida, mas sim para celebrar a vida; com isso, uma partida repentina causa maior impacto.

Para compreender como o filme constrói uma representação discursiva do luto, alinhada às considerações teóricas, recorreremos aos conceitos de *cena da enunciação* e *ethos discursivo*, propostos por Maingueneau (2004). Nosso estudo busca contribuir para a vasta literatura da Análise do Discurso, aprofundando a análise de como filmes como este mobilizam sentidos e expectativas coletivas acerca de temas universais como o luto e a culpa, estimulando a reflexão sobre a condição humana. Ao analisar

a forma como o filme constrói e transmite esses sentidos, destacamos a originalidade de nossa abordagem, que se diferencia de estudos anteriores ao explorar a interação entre os elementos discursivos e as memórias e expectativas do público.

2 Aparato teórico-metodológico

A língua nos torna seres sociais e possibilita a construção da nossa subjetividade. Tanto a nossa identidade como comportamentos são configurados por fatores sociais e culturais. A todo momento estamos interpretando uma gama de gêneros textuais que mobilizamos para atender as necessidades de comunicação e permitir a convivência em sociedade. No entanto, para que essas interpretações não se limitem a opiniões pessoais, em vez de dados concretos, e nem excluam o contexto de compreensão do receptor da mensagem, nasce a Análise do Discurso (AD).

Não nos deteremos a apresentar o percurso linguístico que deu origem a essa teoria de vertente francesa para detalhar as origens da análise do discurso, bem como seus objetivos e pressupostos. Portanto, não daremos destaque aos conceitos cunhados pelo filósofo francês Michel Pêcheux (1938-1983), visto que a abordagem de Maingueneau contempla integralmente a proposição deste estudo. Nesse sentido, partiremos para as contribuições desenvolvidas por Dominique Maingueneau, discorrendo sobre a cena da enunciação e o *ethos* discursivo, dado que é a partir deles que analisaremos o *corpus* desta pesquisa qualitativa-interpretativa enquadrada no contexto teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa.

Maingueneau (2004, p. 85) cita que “um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada”. Essa abordagem sustenta que a compreensão de uma mensagem não se dá exclusivamente no texto, envolve tanto fatores linguísticos como extralinguísticos, em virtude da existência de articulação entre os gêneros textuais, os gêneros discursivos e o contexto em que esses estão inseridos.

Nessa conjuntura, Orlandi (2007) aponta que a interpretação de um discurso é

feita considerando as condições de produção (contexto: sujeito, situação e memória) e a formação discursiva (influências sociais, históricas e ideológicas). Ainda de acordo com a autora, há dois tipos de contextos, totalmente interligados, o "imediato" (contexto específico em que o enunciado é produzido: lugar, enunciador, destinatário) e o "amplo" (condições sociais, ideológicas). O local, as regras e normas que regem a organização de determinada sociedade interferem na feitura de um texto. Esses dois fatores contribuem para análise e compreensão de qualquer discurso, abarcando o significado das palavras empregadas, que adquirem sentido no momento em que são utilizadas, indo além da definição dicionarizada.

Nesse sentido, Maingueneau (1997, p. 30) cita que "[...] um sujeito ao enunciar presume uma espécie de "ritual social da linguagem" implícito, partilhado pelos interlocutores". Assim, a linguagem não constitui um fenômeno isolado, está profundamente inserida em contextos sociais e institucionais. Ao proferir um enunciado, o sujeito adentra um "ritual social da linguagem", marcado por um conjunto de expectativas e normas implícitas, compartilhadas entre os interlocutores. A instituição à qual o enunciador está vinculado atribui-lhe uma posição de autoridade, legitimando seu discurso por meio de um "contrato social". Esse processo de legitimação discursiva e social, designado por Charaudeau como "contrato de fala", manifesta-se de forma a estabelecer um acordo consensual de uma forma implícita entre o enunciador e o co-enunciador. A enunciação no contexto escolar, por exemplo, ultrapassa a simples transmissão de informações, estando inserida em um sistema mais amplo de práticas sociais e institucionais, as quais conferem sentido e legitimidade ao discurso. Portanto, constata-se que as práticas discursivas estabelecem diálogos constantes com diversas outras instituições sociais, refletindo e reforçando suas articulações.

Dominique Maingueneau (1997) aprofunda o conceito de instituição discursiva, definindo-o como o conjunto de normas e práticas linguísticas modeladas e reguladas por contextos sociais específicos, tais como instituições políticas, educacionais e

jurídicas. No âmbito "institucional" da linguagem — que envolve a inter-relação entre os usos discursivos e as instâncias sociais — Maingueneau salienta que essas instituições não apenas condicionam os discursos, mas também se constituem a partir deles. Para o autor, as instituições discursivas são construções sociais que delimitam os sujeitos autorizados a falar, os temas admissíveis e as formas discursivas pertinentes, estabelecendo um quadro normativo para as práticas discursivas. Ademais, ele destaca a indissociabilidade entre enunciado e enunciação, ambos intrinsecamente interligados e condicionados pelas circunstâncias sociais.

Desse modo, Maingueneau (2004, p 86-90) associa o *ethos* discursivo, que será conceituado logo adiante, com as cenas de enunciação, espaço onde ocorre a produção e interpretação do enunciado verbal e não verbal, que é subdividida em três elementos interconectados, ocorrendo simultaneamente, para conferir sentido ao discurso: *cena englobante*, *cena genérica* e *cenografia*. A *cena englobante* determina o gênero discursivo a ser adotado, e é considerada a de maior amplitude, em razão de abranger as necessidades sociais que caracterizam o tipo de discurso, podendo ser político, publicitário, científico, religioso, literário, entre outros. É estruturado visando persuadir o destinatário, e sua interpretação é influenciada tanto pelo contexto temporal, quanto espacial.

Atrelada a tipologia discursiva está a *cena genérica*, que condiz ao gênero textual, melhor dizendo, a forma de materialização e veiculação do texto, determinando assim, a função desempenhada pelo produtor e receptor de uma demanda específica de comunicação. A junção dessas duas cenas forma o *quadro cênico do texto* (Maingueneau, 2004, p. 87), isto é, o contexto de produção e como esse espaço interfere na elaboração do discurso por meio dos elementos extralinguísticos, favorecendo a identificação do tipo e do gênero empregado. Já em relação ao terceiro termo, Maingueneau (2014, p. 122-123) assegura que:

A noção de cenografia se apoia na ideia de que o enunciador, por meio da enunciação, organiza a situação a partir da qual pretende enunciar. Todo discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende, de fato,

suscitar a adesão dos destinatários, instaurando a cenografia que o legitima.

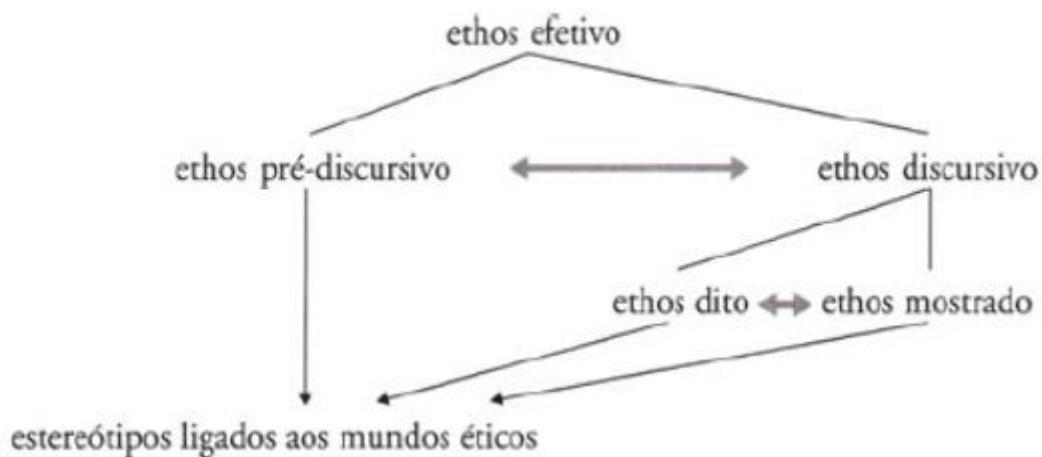
Trata-se do espaço de origem e construção da enunciação, portanto, alicerça a *cena englobante* e a *genérica*, quer dizer, como a mensagem será encenada para atender um determinado objetivo. Com esse intuito, todos os elementos (visuais, convenção social, etc.) que compõem a cena são minuciosamente organizados de modo coerente na iminência de ser considerada verossímil ao público a que se destina. No entanto, “os gêneros do discurso não são todos igualmente propícios ao desenvolvimento de cenografias variadas [...]” (Maingueneau, 2004, p. 89). Alguns deles não permitem mais de uma representação, enquanto outros possibilitam que o enunciador se dirija ao enunciatário em diversas posições identitárias.

Essa subcena está interligada à formação do *ethos*, pois “por meio da enunciação, revela-se a personalidade do enunciador” (Maingueneau, 2004, p. 97-98). O *ethos discursivo* é a imagem social que o enunciador incorpora em um discurso para atender um objetivo específico, portanto, pode ser verdadeira ou não. Mesmo que a identidade pessoal do enunciador seja contrária à que apresenta socialmente, seu esforço será concentrado em fazer com que o receptor não perceba essa divergência. Esse conceito “implica, com efeito, uma disciplina do corpo apreendido por intermédio de um comportamento global” (Maingueneau, 2004, p. 99). Assim, a sua maneira de falar, de se vestir, gesticular e até mesmo de andar são adequadas de acordo com o cenário enunciativo, com o intuito de apresentar um discurso convincente. Nesse sentido, Charaudeau (2011, p. 112) acrescenta que “[...] o destinatário pode muito bem construir um *ethos* do locutor que este não desejou [...]”.

Conforme delineado no esquema da figura 1, Maingueneau (2008a) concebe a construção do *ethos* no discurso como o resultado de um processo complexo que envolve a interação entre os seguintes fatores: *ethos pré-discursivo*, *ethos mostrado* e *ethos dito*. O *ethos pré-discursivo* refere-se à imagem prévia que o público possui do enunciador, levando em consideração aspectos como sua posição social, pessoal, religiosa, política, entre outros, os quais influenciam a percepção inicial que o público

tem desse enunciador. O *ethos mostrado*, por sua vez, consiste na imagem que se manifesta através das escolhas linguísticas e discursivas, enquanto o *ethos dito* corresponde à projeção da imagem do enunciador de forma mais direta, seja por meio de declarações explícitas ou de recursos figurativos, apresentados de maneira implícita ou explícita. A interação desses elementos, somada às características próprias do discurso e às interpretações feitas pelo público, molda o *ethos efetivo*, isto é, a percepção que o público constrói acerca da credibilidade e das intenções do enunciador. Dessa forma, o *ethos pré-discursivo* e o *ethos discursivo* se desdobram entre aquilo que é explicitamente dito e o que é implicitamente mostrado no decorrer do discurso.

Figura 1 - Ethos discursivo



Fonte: Maingueneau (2008a, p.25).

Finalizada essa introdução da análise do discurso francesa, estruturada com base nos estudos de Maingueneau, a seguir, analisaremos o processo de luto figurado no filme *Manchester à beira-mar*, a partir da *cenografia* e do *ethos discursivo*.

3 Análise do processo de luto figurado no filme *Manchester à beira-mar*

Como já dito, o enlutamento é desencadeado pelo rompimento de uma ligação significativa com um ser vivente ou com demais componentes considerados relevantes para alguém, resultando em uma miscelânea de sentimentos e emoções. Esses estados psicológicos divergem de uma pessoa para outra conforme o contexto e grau de afeto envolvido nessa relação.

No entanto, o nosso *corpus* limita-se à análise da construção do luto provocado pela perda humana. Para melhor compreensão de como os elementos discursivos são mobilizados para a significação desse constructo social, partimos com a apresentação da obra seguida de resumo. À medida que formos apresentando a visão geral dessa produção cinematográfica, serão destacadas informações, tais como recortes de cenas e aspectos essenciais que nos permitem mobilizar o conceito de *cenografia* e *ethos discursivo* para a concretude dessa análise.

O filme estadunidense *Manchester à Beira-Mar*, título original *Manchester by the Sea*, do gênero drama e narrativa não linear, com 135 minutos de duração, é recomendado para maiores de 14 anos. Foi produzido e dirigido por Kenneth Lonergan em 2016 e lançado em 2017, tem como tema principal o luto vivenciado por *Lee Chandler* (Casey Affleck), como consequência de um evento desastroso, que ele se julga responsável. A história se passa, na maior parte, na cidade de *Manchester-by-the-Sea*, nos Estados Unidos, com algumas cenas na cidade de Boston.

Nesta obra, o luto é retratado tanto como um construto social quanto uma experiência individual, especialmente quando permeado pelo sentimento de culpa, cuja superação só se vislumbra através do perdão. A libertação emocional está atrelada

ao ato de perdoar a si mesmo e ao outro, considerado responsável pelo enlutamento. Para sustentar essa interpretação, o estudo se apoia em uma produção cinematográfica que articula elementos do discurso religioso, com destaque no catolicismo, vertente do cristianismo, como *cena englobante* que permeia diversas *cenas genéricas*. Ademais, há uma exploração detalhada da cenografia e dos elementos discursivos, como cenário, trilha sonora, movimentos de câmera, cores, iluminação e diálogos, conforme preceitos da análise discursiva (Maingueneau, 2004). Nesse contexto, Duarte (2002, p. 37) afirma que:

Ao longo dos seus mais de cem anos, a gramática cinematográfica criou uma linguagem profundamente rica; fruto da articulação de códigos e elementos distintos: imagens em movimento, luz, som, música, fala, textos escritos; o cinema tem ao seu dispor infinitas possibilidades de produzir significados.

A articulação dos elementos visuais e textuais realça a complexidade do luto de uma maneira mais autêntica. Essa abordagem, mais realista, da experiência humana se contrapõe às convenções narrativas tradicionais; uma vez que não apresenta um fim previsível de superação, pois reconhece as complexidades inerentes a um luto permeado pela culpabilidade.

O longa-metragem inicia com o protagonista, *Lee Chandler*, na cidade de Boston, onde mora e trabalha como zelador de prédios, executando pequenos consertos e reparos em geral. Esse trabalho é popularmente conhecido no Brasil como “marido de aluguel”. Somente a partir dos *flashbacks*, alternância entre o presente e passado, desse personagem, é que entendemos o porquê dele ter se tornado uma pessoa triste, amargurada, introspectiva, agindo de forma mecânica e evitando envolvimento emocional. O personagem-enunciador, figura central da narrativa, é um homem branco de aparência mediana, cuja idade aproximada se situa entre os 30 e os 40 anos. Seu estilo de vestimenta, casual e simplista, sugere uma desatenção à própria imagem, possivelmente como reflexo de um estado emocional conturbado. A linguagem corporal retraída e a fala pausada e contida evidenciam um sujeito

introspectivo com dificuldades para expressar seus sentimentos, estabelecer conexões interpessoais autênticas e se conectar com o mundo ao seu redor. Essa descrição física e comportamental é um indicativo das complexidades psicológicas do personagem, que traduz o peso de sua carga emocional. A imobilidade da câmera, as cores neutras e o inverno potencializam esse sofrimento que o personagem busca ocultar, detalhes importantes da cenografia.

Antes de se mudar para Boston, *Lee Chandler* vivia em *Manchester by the Sea* com sua esposa, suas duas filhas pequenas e um bebê. Levava uma vida tranquila e feliz, dividindo momentos de diversão com amigos e familiares. Tanto no ambiente doméstico quanto fora dele, sua personalidade alegre se manifestava constantemente, sempre pronto para fazer piadas e arrancar risadas das pessoas com quem convivia. Mesmo em situações mais tensas, como na figura 1, em que sua esposa lhe pede, irritada, "quer mandar esses idiotas embora da minha casa, por favor?", devido ao barulho que poderia acordar os filhos, Lee lida com a situação de maneira descontraída, provocando risadas entre os amigos.

Figura 2 - Vida de Lee Chandler antes do incêndio



Fonte: Extraída do Google Play (Print do filme: Manchester à Beira-Mar)

A Figura 2 serve como ponto de partida para uma análise das transformações físicas e psicológicas do protagonista, revelando como a cenografia, no contexto da cena dramática, constrói uma nova representação discursiva do luto, alicerçada no *ethos* do personagem central. A *cenografia* é integrada com cores vibrantes,

representando emoções positivas que coadunam com o comportamento dos personagens em festa realizada na casa de *Lee Chandler*. Logo após o encerramento desse evento, ele acendeu a lareira para aquecer o ambiente. Em seguida, decidiu ir a pé, devido ter consumido bebida alcoólica, até ao supermercado para comprar mais bebidas. Ao retornar, se deparou com uma enorme tragédia. A sua casa havia sido tomada pelo fogo, vitimando os seus filhos, tendo como sobrevivente apenas a sua esposa *Randi* (Michelle Williams). Ele supõe ter esquecido de colocar a tela na lareira, e com isso, a lenha rolou até o assoalho provocando o incêndio.

A partir desse fato, representado na figura 3, inicia o processo de luto de *Lee Chandler*, que tenta cometer suicídio, por não se perdoar pelo erro que acredita ter cometido. Ele busca aproximar-se da esposa para consolá-la e pedir perdão; no entanto, profundamente abalada e vendo-o como responsável, ela não consegue conceder-lhe o perdão. Nota-se que esse episódio provocou uma transformação significativa no *ethos* do personagem, tal como apontado por Maingueneau (2004). A felicidade que transmitia diariamente, conforme expressa na figura 1, foi substituída por uma imensa tristeza manifestada em seus gestos, expressões e tom de voz. Além disso, o seu casamento chega ao fim, devido às implicações emocionais advindas desse incidente.

Já que as leis do seu país não o condenaram, ele decide punir a si mesmo em razão de não conseguir se perdoar pelo que considerava ser sua falha. Por não se sentir digno de receber o perdão e alcançar a plenitude, então, apresenta uma apatia diante da vida, anestesia a sua dor e decide morar em Boston. Afasta-se de amigos e parentes, incapaz de permanecer na cidade onde enfrentou um grande trauma e ainda teria que conviver com o julgamento da sociedade.

Figura 3 - Lee Chandler com a sua esposa no local do incêndio



Fonte: Extraída do Google Play (Print do filme: Manchester à Beira-Mar)

Esses dois personagens tiveram a personalidade moldada após tragédia compartilhada que marcou suas vidas. Embora tenham vivido o mesmo drama, encaram a perda de maneira muito divergente, o que nos permite observar a construção do *ethos discursivo* do protagonista. A luminosidade da cena, a expressão corporal, o olhar e os gestos reforçam uma ruptura no estado emocional de *Lee Chandler*, que ressalta uma mudança significativa no seu modo de viver.

Na figura 4, que apresenta uma conversa informal inserida na cenografia de uma cena genérica do filme, a composição busca destacar o perdão como elemento essencial para que a dor da culpa não intensifique o sofrimento do luto, mas, ao contrário, ofereça um alívio emocional.

Figura 4 - Encontro de Lee Chandler com a sua ex-esposa anos após o incêndio



Fonte: Extraída do Google Play (Print do filme: Manchester à Beira-Mar)

A personagem *Randi* passa pelas três fases do luto mencionadas por Baldini (2021) e ressignifica a sua dor e se permite um recomeço, embora ainda se sinta profundamente culpada pelas palavras acusatórias dirigidas ao seu ex-marido. Ela sustenta a imagem de uma mulher, de uma mãe, que entende o luto como um processo de sacrifício, no qual é necessário deixar ir uma parte de si com quem cumpriu o seu ciclo existencial. Quando ela menciona “o meu coração estava partido [...] porque vai estar sempre partido. E sei que o seu também está. Você não pode simplesmente morrer”, ressalta que o luto é eterno, mas a dor pode ser superada. Ela tenta auxiliá-lo a expressar os seus sentimentos, ressignificar a perda, vencer o trauma, perdoar a si mesmo e retomar a vida novamente.

Por outro lado, *Lee Chandler*, nesta mesma cena, tenta ocultar o seu sofrimento, porém, segundo Maingueneau (2004, p. 99):

O poder de persuasão de um discurso consiste em parte em levar o leitor a se identificar com a movimentação de um corpo investido de valores socialmente especificados. A qualidade desse *ethos* remete, com efeito, à imagem desse “fiador” que, por meio de sua fala, confere a si próprio uma identidade compatível com o mundo que ele deverá construir em seu enunciado (Maingueneau, 2004, p. 99).

O *ethos* discursivo de Lee Chandler é identificado por uma expressividade reservada e contida, revelando um profundo sofrimento interior e uma culpa profunda por eventos traumáticos de experiências passadas. Sua postura corporal silenciosa, com gestos contidos, contribui para a construção de uma imagem de um sujeito emocionalmente desgastado, impossibilitado de lidar com a intensidade de suas emoções por meio da linguagem verbal. Em consonância com a perspectiva de Maingueneau (1997), o *ethos* está intrinsecamente ligado ao contexto social e às instituições que legitimam o discurso. Assim, compreendemos que o *ethos* deste personagem está intimamente ligado a um contexto no qual o luto e a culpa são elementos interligados, e sua maneira de lidar com essas emoções se reflete no ambiente social e psicológico em que está inserido.

Embora ele se esforce para não deixar transparecer que a dor o consome, o

público percebe a imagem de um pai que compreende o luto como um ato de sacrifício em que a própria vida do enlutado é sepultada com a pessoa benquista (morte existencial), devido à intensidade da culpa. Para Maingueneau (2008b, p. 94) o *ethos* é retratado como "uma maneira de ser através de uma maneira de dizer". Por meio da expressão linguística de Lee, fica evidente a manifestação de um estado de espírito melancólico confirmado por sua linguagem corporal (mãos nos bolsos, olhar distante) e verbal (diálogos sucintos, pessimistas e vazios). Essa fase nebulosa da sua vida, em que até a sua forma de se vestir passa a ser muito discreta, é potencializada ao longo do filme no inverno com muita neve e cores frias, realçando o seu estado emocional, visto que a tristeza ainda o impacta profundamente; ele tenta ocultá-la para que outras pessoas não iniciem uma discussão sobre esse assunto.

Maingueneau (1997, p. 46) destaca que o *ethos* faz referência à "voz concebida, de agora em diante, como uma das dimensões da formação discursiva". No caso de Lee, incapaz de expressar seus sentimentos, chega um momento em que ele se envolve em confrontos físicos, utilizando a violência como uma forma de externalizar a dor incomensurável que o consome. Em contextos sociais, como em um bar, Lee se percebe julgado de forma negativa por algumas pessoas, em razão de seu passado trágico. Essa condição de produção influencia seu discurso, projetando uma imagem de alguém descontrolado, paranoico e agressivo. Contudo, o que realmente o desestrutura emocionalmente é o sentimento de culpa que carrega.

Anos depois da tragédia mencionada, *Lee Chandler*, devido à morte do seu irmão *Joe Chandler* (Kyle Chandler), que, antes de morrer, o nomeou como tutor do seu filho *Patrick* (Lucas Hedges), foi compelido a retornar para a sua cidade natal. Esse retorno trouxe à tona lembranças que ele havia abandonado para amenizar a sua dor. Nessa segunda cena de luto, figura 5, *Lee Chandler* se comporta friamente diante da confirmação da morte do seu irmão, como se os seus sentimentos estivessem anestesiados e o impedissem de processar essa perda.

Quando Lee cita que "alguém devia avisar a minha mulher" revela um notável

distanciamento da realidade presente, característico de um luto profundo e existencial. A persistência do vínculo conjugal, mesmo após o divórcio, evidencia uma incapacidade de se conectar plenamente com o presente e de reconhecer as transformações ocorridas em sua vida. Essa fala, aparentemente previsível, revela um sofrimento silencioso e uma dificuldade em elaborar a perda, sublinhando a complexidade da experiência do luto. Arantes (2019) esclarece que quando a dor é reprimida diante de perdas significativas, isso frequentemente resulta na privação de sentimentos de contentamento e satisfação.

Figura 5 - Confirmação da morte do irmão de Lee Chandler



Fonte: Extraída do Google Play (Print do filme: Manchester à Beira-Mar)

Ele se comporta de modo a demonstrar que a sua preocupação estava centrada somente nos processos da cerimônia fúnebre e repasse da tutoria do sobrinho para outro familiar. Recusou essa responsabilidade, pois para isso teria que continuar em *Manchester*, o que na sua fala “eu não consigo superar”, nos mostra que permanecer nessa cidade era algo extremamente doloroso, exigindo tempo para superação. O silêncio de Lee e sua resistência em assumir responsabilidades familiares após a morte do irmão reforçam um *ethos* que, segundo Maingueneau (1997), é inseparável da enunciação. Assim, seu *ethos* é construído por meio do seu silêncio, da interação complexa entre o discurso verbal e não verbal – entre o dito e o não dito- refletindo não apenas seu estado profundo de dor e sofrimento emocional, mas também a

forma particular como ele se posiciona em relação ao mundo e às pessoas com quem se relaciona.

Durante o período em que estive em *Manchester*, as cenas demonstraram que o luto para aquela sociedade era visto como um processo que não poderia ser negligenciado, mas sim vivido, de acordo com as três fases (partida irreversível - rito de despedida e superação do luto) citadas por Baldini (2021). No entanto, a experiência do luto é algo particular de cada pessoa e não há um tempo específico para ser finalizado. Na figura 6, *Lee Chandler* deixa transparecer um *ethos* sensibilizado com a perda, diferente da postura retratada na figura 4. Essa *cenografia* é construída para enfatizar a importância de se ter o contato, mesmo que seja apenas visual, com o corpo, a fim de consolidar a despedida.

Figura 6 - Contato de Lee Chandler com o corpo do irmão no necrotério



Fonte: Extraída do Google Play (Print do filme: Manchester à Beira-Mar)

Na cultura ocidental, praticante do cristianismo, a fim de consolidar a perda e se despedir, é considerado importante visualizar o corpo sem vida, além de realizar rituais e práticas fúnebres que consiste no velório e sepultamento, onde a instituição religiosa tem o papel de realizar celebração fúnebre na igreja ou no local em que ocorrerá o sepultamento, e consolar espiritualmente os enlutados (Lepargneur, 1999).

Na versão online da bíblia católica, é mencionado que "todos vão para o mesmo lugar; todos procedem do pó e ao pó tornarão" (Eclesiastes, 3:20), o que é

interpretado pelos cristãos como uma orientação para o sepultamento dos corpos. Essa interpretação é enfatizada quando o sobrinho de *Lee Chandler* associa as bandejas de frango condicionadas no *freezer* da geladeira, com o corpo do pai no necrotério, fato que o deixa em estado de pânico.

Em diversos momentos é possível observar que por meio de uma linguagem cinematográfica, a cena *cena englobante*, atravessada pelo discurso religioso voltado para o cristianismo, especificamente na vertente do catolicismo, constrói uma narrativa que explora as complexidades do luto, do trauma e da culpa. A trilha sonora clássica selecionada emana uma sensação de espiritualidade, complementando a atmosfera de melancolia e reflexão, que são mais acentuadas no ritual fúnebre, figura 7, permitindo que o público contemple a imensidão do sofrimento do personagem principal. Ao longo do filme a câmera foca em elementos simbólicos do cristianismo, tais como a igreja e quadro religioso fixado na parede.

Na cerimônia de sepultamento, a cenografia se apresenta como uma recriação da cenografia típica do gênero sermão, em que uma autoridade eclesiástica dirige-se à família enlutada com o propósito de consolar os corações frente à perda familiar. (Maingueneau, 2004). Percebe-se que o enfoque da câmera no céu, a luminosidade da cena e a cor preta ligada ao luto, também evidencia crenças ligadas ao cristianismo, simboliza a passagem do corpo físico para uma dimensão espiritual, sendo o cemitério um local santo em que se mantém viva a memória dos que partiram.

Figura 7 - Cerimônia de sepultamento do irmão de Lee Chandler



Fonte: Extraída do Google Play (Print do filme: Manchester à Beira-Mar)

No final do filme, figura 8, notamos um leve desabrochar de uma possibilidade de recomeço para *Lee Chandler*, que se deu a partir da sua aproximação com o seu sobrinho, momento em que se ajudam nessa travessia que consideram difícil de ser processada. Isso destaca a importância das relações interpessoais na significação e enfrentamento do enlutamento. Em concordância com Maingueneau (2004), o *ethos discursivo* de *Lee Chandler* foi sendo modificado e legitimado, ainda que de modo pouco evidente, por interferências discursivas. Após seu divórcio, Lee mudou-se para uma residência excepcionalmente compacta, projetada para acomodar apenas uma pessoa, buscando o isolamento de amigos e familiares. No entanto, após conviver com seu sobrinho, passou a procurar um lar com dois quartos. Quando questionado pelo sobrinho sobre essa mudança, respondeu: "para que você me visite de vez em quando". Este episódio marca um novo começo para Lee, que de um homem triste, solitário e amargurado, começa a vislumbrar a possibilidade da presença de outra pessoa em sua vida.

Figura 8 - Passeio de barco de Lee Chandler com o seu sobrinho



Fonte: extraída do Google Play (Print do filme: Manchester à Beira-Mar)

O discurso inserido neste filme, volta-se ao campo discursivo religioso em consonância com os valores historicamente definidos pela cultura ocidental estadunidense, mais especificamente a da cidade de *Manchester*, para abordar a temática do luto. Com essa finalidade, o tempo e o espaço foram articulados para validar o enunciado, tornando-o verossímil a sociedade para a qual o discurso foi direcionado, demonstrando que a religião, assim como a psicologia, ameniza a travessia árdua do enlutamento.

Segundo Maingueneau (2004), a *cenografia*, com o propósito de envolver o coenunciador e conduzi-lo à reflexão sobre o que lhe é apresentado, apoia-se na cena de validação, ou seja, aquela já consolidada na memória do indivíduo. Quando o discurso é elaborado levando em conta os contextos social, cultural e linguístico, o público se identifica com o que é retratado, permitindo que a obra cumpra seu objetivo: incitar o telespectador a refletir sobre a condição humana, os limites da resiliência e da redenção, abordando temas universais como o luto e a culpa. No filme analisado, a *cenografia* foi trabalhada de modo a promover uma empatia com o enlutado, sensibilizando o público de que as complexidades do luto demandam tempo para serem processadas, e isso deve ser respeitado.

4 Considerações finais

Conforme análise discursiva realizada, a *cena da enunciação* e o *ethos discursivo*, quando bem explorados, contribuem para a construção persuasiva da mensagem que o interlocutor pretende repassar ao seu público. A combinação dos elementos visuais e psicológicos repassam maior credibilidade ao enunciador, já que o telespectador visualiza a articulação harmoniosa entre eles. O luto é uma temática mais explorada na psicologia, porém a *cenografia* do filme foi estabelecida para demonstrar que a religião também é um contributo para a superação da dor provocada pela perda, desde que haja o perdão. Portanto, não basta seguir os ritos fúnebres, que varia de sociedade para sociedade, somado a isso, é demandando o ato de perdoar a si e a quem precisa desse perdão para se sentir livre da culpabilidade.

Na visão de Orlandi (2007), o recorte conceitual para análise de um objeto é determinado segundo o objetivo traçado pelo analista, por isso, as análises em torno de um mesmo objeto se diferem, pois, as finalidades não são as mesmas. Sendo assim, como sugestão de pesquisas futuras, tendo como *corpus* a obra cinematográfica analisada neste artigo, ou outra de interesse do pesquisador, pode-se analisar como ocorre a construção da empatia da sociedade e familiares em relação ao sujeito em processo de luto considerado “complicado”.

Nesse sentido, Orlandi (2007, p. 26) declara que “não há uma verdade oculta por trás do texto, [...] a Análise de Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos”. Ao analisarmos o filme *Manchester à Beira-mar*, nessa perspectiva, o objetivo não foi centrado na leitura do que estava implícito, mas sim nos elementos que produzem sentido, isto é, a relação entre sujeito, história e linguagem. Essa conexão proporciona assimilar a intenção do sujeito enunciador na construção da mensagem dando ênfase a determinados componentes simbólicos.

Uma pesquisa nessa linha oportuniza o contato com a cultura religiosa ocidental, de modo a entender como ocorre a cerimônia fúnebre e o enlutamento, bem como os elementos discursivos explorados para validar a construção cenográfica

e conseqüentemente o *ethos discursivo*. Com essa abordagem cada sujeito é conduzido a refletir sobre a importância de um posicionamento de respeito, mesmo havendo opiniões contrárias, frente à diversidade religiosa. Cada religião tem seus próprios ritos e crenças, o que influencia a maneira como as pessoas lidam com a morte e o luto. Conseqüentemente, o que pode parecer destituído de sentido para um grupo social, pode carregar um profundo significado para outro, desempenhando um papel fundamental na superação de situações inevitáveis, como a morte e o processo de luto.

REFERÊNCIAS

ALLOUCH, Jean [1995]. *Erótica do luto no tempo da morte seca*. Trad.: Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

ARANTES, Ana Cláudia Quintana. *A morte é um dia que vale a pena viver*. 1 ed. Alfragide: Oficina do Livro, 2019. Disponível em: <https://elivros.info/>. Acesso em 04 de nov. de 2023.

BALDINI, Lauro José. *Luto, Discurso, História*. Recife: Ed. UFPE, 2018.

BALDINI, Lauro José; NASCIMENTO, Elisa Mara do. “*Esse verso é um pouquinho de uma vida inteira...*”: Os Inumeráveis e a morte inominável. *Revista Linguagem*, São Carlos, v. 37, Número Temático, janeiro, 2021, p. 67-90.

BALDINI, Lauro José; RIBEIRO, Thales de Medeiros; NASCIMENTO, Elisa Mara do. *Apresentação do Dossiê “Versões do luto: análise do discurso e psicanálise”*. *Cad. Est. Ling.*, Campinas, v.63, 2021, p. 1-10.

Bíblia online. Disponível em:

<https://www.bibliaonline.com.br/ara/busca?q=p%C3%B35E>. Acesso em: 03 de nov. de 2023.

Consoada [Manuel Bandeira]. Disponível em:

<https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/2016/04/11/consoada-manuel-bandeira/>. Acesso em: 11 de out. 2023.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

Dicionário Priberam. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em: 11 de out. 2023.

DUARTE, Rosália. Cinema e Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Expectativa de vida. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29502-em-2019-expectativa-de-vida-era-de-76-6-anos>. Acesso em: 11 de out. 2023.

Luto: como é possível superar a dor da perda. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TeN5B64MTaA>. Acesso em: 16 outubro. 2023.

MAINGUENEAU, Dominique. Novas tendências em análise do discurso. Campinas, SP: Pontes: Ed. da UNICAMP, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise de textos de comunicação. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. A noção de ethos discursivo. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008a. p. 11-32.

MAINGUENEAU, D. Gênese dos discursos. Trad. de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

MAINGUENEAU, Dominique. Discurso e Análise do Discurso. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

LEPARGNEUR, H. Vida, morte e luto na modernidade e no cristianismo. FAJE: Perspectiva Teológica, n. 29, 1997. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/903>. Acesso em 03 de nov. de 2023.

ORLANDI, Eni, P. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. 7 ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

Saiba como a morte é encarada por diversas religiões. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/comportamento/ult561u51.shtml>. Acesso em 11 de set. de 2024.

Submetido: 02/10/2024

Aceito: 21/5/2025

